

Artigos

A construção do conceito de Literatura Indígena: vozes, conflitos e perspectivas teóricas

The construction of the Indigenous Literature concept: voices, conflicts and theoretical perspectives

Fabiana Cristina Gomes¹ , Danilo Rabelo¹ 

¹ Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil

RESUMO

O presente trabalho consiste em uma revisão sistemática de literatura, cujo objetivo é discutir as concepções de literatura e escrita indígenas presentes nos estudos científicos e acadêmicos brasileiros. A pesquisa foi realizada na base de busca da SciELO, como método foram estabelecidas: estratégias de busca, critérios de elegibilidade e inclusão, avaliação da qualidade dos estudos, seleção dos estudos, extração dos dados e análise dos resultados. O estudo dialoga com conceitos produzidos por indígenas e não-indígenas, bem como as abordagens teóricas do grupo Modernidade/Colonialidade. Os resultados indicam que a literatura indígena emerge de um lugar estético, além de vincular-se a uma expressão política e histórica. Os artigos analisados abordam a literatura indígena em quatro eixos temáticos: (1) protagonismo e autoria; (2) hibridismo e interculturalidade; (3) representação cultural e identidade; (4) colonialidade e resistência. Em contraposição com a literatura hegemônica, a voz presente na literatura indígena está ligada à defesa de sua cultura, à resistência ao padrão homogeneizante e à afirmação da diversidade.

Palavras-chave: Literatura indígena; Interculturalidade; Colonialidade; Resistência

ABSTRACT

This study presents a systematic literature review aiming to discuss the conceptions of Indigenous literature and writing found in Brazilian scientific and academic studies. The research was conducted using the SciELO database. The methodology followed included: search strategies, eligibility and inclusion criteria, quality assessment of the studies, study selection, data extraction, and result analysis. The study engages with concepts developed by both Indigenous and non-Indigenous authors, as well as the theoretical approaches of the Modernity/Coloniality group. The findings indicate that Indigenous literature emerges from an aesthetic dimension, while also functioning as a form of political and historical expression. The articles analyzed address Indigenous literature through four thematic axes: (1) protagonism and

authorship; (2) hybridity and interculturality; (3) cultural representation and identity; and (4) coloniality and resistance. In contrast to hegemonic literature, the voice present in Indigenous literature is linked to the defense of culture, resistance to homogenizing standards, and affirmation of diversity.

Keywords: Indigenous literature; Interculturality; Coloniality; Resistance

1 INTRODUÇÃO

A minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. (Krenak, 2019, p. 13)

A linguagem está presente nas mais diversas formas que temos de ser e estar no mundo, construindo narrativas e conhecimentos, dando sentido à vida em sociedade. Por meio dela, é possível criar e destruir, legitimar e silenciar, desempenhando, assim, um papel central na formação e transformação de nossas realidades. Além disso, a linguagem está intrinsecamente ligada às nossas práticas socioculturais e à construção de nossa identidade. No contexto das culturas indígenas, ela assume um papel fundamental na defesa de sua cultura e na resistência contra conflitos gerados pela cultura dominante.

Nas comunidades indígenas, a linguagem desempenhou um papel fundamental na transmissão de saberes. Como aponta Graúna (2012), ao vivenciarem a impossibilidade de escrever, assumiram a oralidade como palavra presente para compreender a ancestralidade, transmitir conhecimentos e transformar a cultura. Posteriormente, o domínio da escrita pelas sociedades indígenas foi um direito conquistado e trouxe novas possibilidades: não só promovendo o intercâmbio cultural, mas também ampliando as formas de resistência ao padrão homogeneizante ocidental.

É fundamental destacar que as opressões impostas pelas relações coloniais estabeleceram uma hierarquia de desvalorização dos povos indígenas que não acabou com o fim da colonização. Esse padrão persistente pode ser compreendido a partir do conceito de *colonialidade do poder*, formulado por Quijano (2005), padrão herdado do colonialismo que ainda estrutura nossas relações sociais, econômicas e epistêmicas, segundo uma lógica eurocêntrica.

No campo linguístico, a colonialidade se expressa na desvalorização da oralidade em detrimento da escrita, na imposição da língua portuguesa e no silenciamento das línguas indígenas, num processo de negação e exclusão social e cultural. Ao longo dos séculos, o discurso sobre os povos indígenas foi produzido por vozes não-indígenas. Desde o Quinhentismo, diversas obras foram publicadas tendo o indígena como tema, assunto, personagem, porém sob a ótica do colonizador, o qual trouxe uma visão eurocêntrica dos povos originários.

Nos primeiros séculos de colonização, os indígenas surgiram na literatura brasileira pelo olhar do colonizador. No século XVI, destaca-se a literatura produzida pelos cronistas, que buscaram relatar ao Império Português suas impressões sobre as terras brasileiras. Essa literatura, denominada “literatura de informação”, construiu sobre o indígena a imagem do “selvagem”, do “gentio”, do “bárbaro”, do “primitivo”. Assim como “Adão, o primeiro homem que nomeia o que está ao seu redor e sob seu domínio, o europeu funda um mundo e um homem novos através da palavra que estabelece a submissão do que é descoberto, cultivado e colonizado” (Thiél, 2012, p.18).

Construindo um mundo por meio da sua palavra, o colonizador criou estereótipos sobre os povos indígenas que perduram até os dias de hoje. Ao se perceber como o padrão de civilização ao qual todos deveriam alcançar, o colonizador vê no outro (o indígena) apenas aquilo que lhe falta em relação a si. O objetivo da construção desse tipo de relação estava no estabelecimento do poder sobre a terra e os povos que aqui estavam. Como assinala Ailton Krenak: “Se os brancos tivessem educação, eles podiam estar vivendo no meio daqueles povos e produzindo outro tipo de experiência. Mas eles chegaram aqui com a má intenção de assaltar essa terra e escravizar o povo que vivia aqui” (Bolognesi, 2018, 6min).

A partir da década de 1980, a Constituição passa a reconhecer direitos fundamentais aos povos indígenas. Aliado a isso, políticas públicas inclusivas, como a lei nº 11.645/2008 – a que tornou obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira e indígena na escola –, contribuíram para o aumento da produção escrita

indígena e o fortalecimento de sua produção literária. Essa legislação representou um marco importante para os povos indígenas e para o fortalecimento de sua produção literária. Vale lembrar que, anteriormente, a lei 10.639/2003 previa apenas o ensino da cultura africana nas escolas, que como observa Graúna (2011), acabou por beneficiar um grupo étnico em detrimento de outro, excluindo os povos indígenas nesse processo.

A partir desse novo cenário, a expressão literária indígena cresceu significativamente nos últimos anos, revelando novas formas de escrita e ampliando as possibilidades de diálogo entre indígena e não-indígenas. No contexto das comunidades originárias, a oralidade continua desempenhando um papel crucial na transmissão dos saberes e manutenção da cultura. O surgimento da literatura indígena, não se constituiu como uma ruptura com a oralidade, como aconteceu na sociedade ocidental, pois, como afirma Munduruku (2008), ela representa um complemento, reforçando a oralidade e afirmando a memória indígena.

A literatura indígena ao refletir formas mais abertas e plurais do fazer literário tensiona o conceito tradicional de literatura nos convidando a conhecer formas mais abertas e plurais da expressão literária. O termo *literatura* é um conceito oriundo da cultura ocidental, a qual expandiu-se a nível mundial com o domínio colonial, reprimindo a expressão, a subjetividade e o universo simbólico dos povos que foram colonizados. Nessa perspectiva, a literatura indígena está inserida num contexto conflituoso de relações de poder desiguais.

Com a apropriação da escrita pelos povos indígenas, a literatura como a conhecemos é inventada com novos sentidos, desinventando a literatura canônica. Para Makoni e Pennycook (2015) é preciso desinventar e reconstituir as línguas, um processo que pode implicar um olhar atento para a relação das línguas com a identidade, localização geográfica e outras práticas sociais. O contato entre indígenas e não-indígenas permitiu novas formas de narrar, de dizer, de criar. Assim, a literatura indígena por intermédio da multimodalidade discursiva, da hibridização dos gêneros textuais, da autoria coletiva, permite pensarmos novas formas do fazer literário. Esses

traços serão apresentados mais adiante, na sessão que discute a conceituação da literatura indígena. Ademais, ressalta-se que as textualidades indígenas são, também, uma maneira de defesa da diversidade e da identidade, da heterogeneidade e da vida.

É preciso destacar que a literatura indígena não se limita ao conceito de literatura ocidental, pois engloba uma diversidade de textualidades que desafiam esse conceito tradicional, problematizando noções convencionadas como autor, texto e leitor. Trata-se de uma resposta às práticas de opressão e tentativa de retomada do direito à palavra, expressa, portanto, a luta e a resistência em defesa da vida e da cultura desses povos, mantendo vivas suas tradições e sua voz na sociedade contemporânea. Nos últimos anos, a literatura indígena vem se estabelecendo e fazendo negociações entre a escrita dominante e as tradições orais indígenas, se situando num *entre-lugar* cultural (Thiél, 2013), um processo que Canclini (2008) denomina de *hibridização*, resultado da heterogeneidade e da posição dos sujeitos diante das relações interculturais.

Ao referir-se sobre o processo de mudanças de línguas indígenas africanas para línguas vernáculas urbanas na África, Makoni e Pennycook (2015) defendem que essa transformação não é uma catástrofe como pensam muitos linguistas, mas pode ser vista como uma saída criativa diante de novos contextos. Segundo os autores, as definições daquilo que conta como língua são construídas e impostas. Nessa perspectiva, acreditamos também que a apropriação da escrita por indígenas brasileiros não significa o fim da cultura indígena, mas evidência novas relações e novas trocas diante do contexto que se apresenta.

Devido ao crescimento da literatura escrita por autores indígenas, o estudo do tema como objeto de pesquisa no meio acadêmico tem crescido significativamente nos últimos anos. Diante desse cenário, busca-se neste estudo investigar como a literatura indígena vem sendo conceituada nos estudos acadêmicos brasileiros.

Como método, foi realizada uma revisão sistemática, que inclui a definição da estratégia de busca, o estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão e a

análise qualitativa dos resultados. Assim, busca-se identificar conceitos importantes que permeiam a definição de literatura indígena presentes nas pesquisas acadêmicas, problematizando os conceitos utilizados. A relevância desta pesquisa perpassa o desafio de investigar e analisar o que vem sendo dito sobre textualidades que desestabilizam e reconfiguram o conceito tradicional de literatura.

2 METODOLOGIA

Para a construção da metodologia deste estudo, foi adotada a revisão sistemática de literatura. Diferente da “revisão de literatura”, que é um conceito mais amplo e genérico, a revisão sistemática, conforme Galvão e Ricarte (2020), é método científico mais rigoroso, que segue protocolos padronizados e específicos. Esses protocolos incluem a seleção criteriosa de estudos, os quais serão interpretados e analisados conforme a pergunta de investigação. Para conduzir essa modalidade de pesquisa, utilizam-se as diretrizes PRISMA (*Principais Itens para Relatar Revisões Sistemáticas e Meta-Análises*), que estabelecem recomendações e etapas fundamentais da revisão sistemática, buscando assegurar o relato mais rigoroso na descrição dos métodos e dos resultados. Tais etapas incluem a definição da pergunta de investigação, as escolhas das bases de buscas consultadas, os critérios que serão utilizados para inclusão e exclusão dos artigos científicos, o processo de síntese e a análise de cada artigo.

Esta pesquisa buscou responder a seguinte pergunta de investigação: como a literatura indígena é conceituada em estudos científicos e acadêmicos? As buscas foram realizadas nas bases de dados da SciELO, uma biblioteca multidisciplinar eletrônica que reúne periódicos científicos brasileiros e estrangeiros, com mais de 1.000 revistas e publicações disponíveis. Foram realizadas diferentes buscas e combinações de palavras na plataforma de pesquisa. Os melhores resultados foram alcançados por meio das seguintes palavras-chave: (literatura OR narrativa OR textualidade OR literaturas OR narrativas ou textualidades) AND (indígena OR indígenas OR indígena OR

indígenas), resultando em 294 publicações. Os critérios de elegibilidade e os critérios de inclusão foram aplicados para selecionar os artigos que poderiam potencialmente responder à questão investigada.

O mapeamento de produções científicas buscou identificar estudos que tematizam o conceito de literatura indígena. Além dos trabalhos que tinham esse tema como foco principal, também foram selecionados trabalhos que, embora não tivessem a conceituação das narrativas indígenas como seu foco de investigação, conceituavam a produção escrita indígena em algum ponto da pesquisa. Outro critério considerado foi a seleção de artigos em língua portuguesa, visto que o objetivo deste trabalho é compreender como os pesquisadores brasileiros têm conceituado e analisado a literatura indígena no Brasil. Quanto ao tipo de produção, foram selecionados apenas artigos científicos, excluindo-se estudos de revisão, resenhas, entrevistas e outros formatos acadêmicos.

Mediante a leitura integral dos textos, 19 artigos foram selecionados de acordo com os objetivos deste estudo. Desses, sete foram produzidos na região Sul, quatro no Sudeste, quatro no Nordeste, dois do Centro-Oeste, dois na região Norte, além de dois vinculados a universidades estrangeiras, publicados em periódicos brasileiros. A concentração de publicações em determinadas regiões pode estar ligada a diversos fatores, como a presença de programas de pós-graduação específicos, linhas de pesquisas voltadas à temática étnico/racial e grupos de estudo com foco em pesquisas culturais. Contudo, para aferir quaisquer causas, é necessária uma investigação mais ampla e aprofundada, a qual não é objetivo deste estudo.

É válido destacar que uma parcela significativa dos artigos encontrados foi publicada recentemente, a partir de 2011. Isso se deve ao crescimento da literatura indígena escrita, cujas publicações se intensificaram a partir da década de 1990. A presença de pesquisadores indígenas cresceu também nas universidades. Entre os artigos selecionados, pelo menos três foram escritos por uma autora indígena, Trundué Dorrico, do povo Macuxi.

Tabela 1 – Artigos selecionados para análise e interpretação de dados

	CONTEÚDO	AUTORIA	ANO	INSTITUIÇÃO DE ENSINO
1	Linguajamentos e contra-hegemonias epistêmicas sobre linguagem em produções escritas indígenas.	Elismênnia Aparecida Oliveira; Joana Plaza Pinto.	2011	Universidade Federal De Goiás (Ufg)
2	A literatura dos povos indígenas e a formação do leitor multicultural	Janice Cristine Thiél	2013	Pontifícia Universidade Católica Do Paraná (Puc-Pr)
3	A minoridade literária em Olívio Jekupé	Francis Mary Soares Correia Da Rosa	2016	Universidade Estadual Da Bahia (Uneb)
4	Literatura indígena para crianças: o desafio da interculturalidade.	Ana Paula Franco Nobile Brandileone; Thiago Alves Valente	2018	Universidade Estadual Do Norte Do Paraná (Uenp), Cornélio Procópio, Pr, Brasil.
5	Eliane Potiguara e Daniel Munduruku: por uma cosmovisão ameríndia	Eurídice Figueiredo	2018	Universidade Federal Fluminense (Uff)
6	Um xamã yanomami frente ao discurso filosófico-sociológico da modernidade.	Leno Francisco Danner; Julie Stéfane Dorrico Peres.	2018	Universidade Federal De Rondônia (Unir), Porto Velho, Ro; Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul (Puc-Rs).
7	Carta branca: embates entre a voz emergente e a escrita circunscrita.	Lívia Penedo Jacob	2018	Universidade Estadual Do Rio De Janeiro (Uerj)
8	O avesso do direito à literatura: por uma definição de literatura indígena.	Tarsilla Couto De Britto; Sinval Martins De Sousa Filho; Gláucia Vieira Cândido	2018	Universidade Federal De Goiás (Ufg)
9	Em busca da terra sem males: violência, migração e resistência em Kaká Werá Jekupé e Eliane Potiguara.	Leno Francisco Danner; Julie Dorrico; Fernando Danner.	2019	Universidade Federal De Rondônia (Unir). Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul (Pucrs)
10	Decolonialidade, lugar de fala e voz-práxis estético-literária: reflexões desde a literatura indígena brasileira.	Leno Francisco Danner; Julie Dorrico; Fernando Danner.	2020	Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul (Pucrs)
11	Resistir na língua: a literatura indígena contra o silenciamento monolíngue.	Ana Carolina Cernicchiaro	2022	Universidade Do Sul De Santa Catarina.

Continua

Tabela 1 – Artigos selecionados para análise e interpretação de dados

Continuação

	CONTEÚDO	AUTORIA	ANO	INSTITUIÇÃO DE ENSINO
12	Ay kakuyri tama, eu moro na cidade: a poesia filosófica indígena de Márcia Kambeba no contexto do estado-nação brasileiro.	Angela Bárbara Lima Saldanha Rêgo; Ana Caroline Amorim Oliveira; Cristiane Navarrete Tolomei.	2022	Universidade Federal Do Maranhão, São Luís, Ma, Brasil (Ufma)
13	Da representação à busca de expressão: visões do indígena na produção literária brasileira.	Eduardo F. Coutinho	2022	Universidade Federal Do Rio De Janeiro (Ufrj)
14	Makunaima comeu Mário de Andrade: pós-humano, antropofagia e o fantástico no conto “makunaima e os manos deuses” de Julie Dorrico.	Frederico Di Giacomo Rocha	2022	Instituto Dos Estudos Latino-Americanos, Freie Universität Berlin, Berlim, Alemanha.
15	Literatura indígena: entre memórias	Eliana Márcia Dos Santos Carvalho; Renata Lourenço Dos Santos	2023	Universidade Do Estado Da Bahia (Uneb)
16	A literatura indígena brasileira diante de gaia: ensaiando o fim.	Lívia Penedo Jacob	2023	Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro (UERJ)
17	Memórias que urgem nossa (re) existência: eu sou macuxi e outras histórias de Julie Dorrico reexistência re existência (re) existência.	Regina R. Félix	2023	University Of North Carolina Wilmington, Wilmington, North Carolina, USA.
18	As novas cartas do Brasil: um e-pistolário dos povos indígenas.	Suzane Lima Costa	2023	Universidade Federal Da Bahia Salvador, Ba, Brasil (Ufba)
19	A ecopoética indígena como emancipação pós-humana: notas sobre a representação do eu-outro na era da degradação.	Cimara Valim De Melo	2024	Instituto Federal Do Rio Grande Do Sul (Ifrs)

Fonte: autores

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO: O CONCEITO DE LITERATURA INDÍGENA

Após análise dos 19 artigos selecionados, foi possível atingir o objetivo desta pesquisa, verificando o que tem sido pesquisado e apontado como sendo as bases conceituais da literatura indígena no Brasil. Pela leitura e análise de conteúdo, identificaram-se quatro

eixos temáticos que fundamentaram a discussão dos artigos analisados: 1 – Hibridização e interculturalidade, abordado em cinco; 2 – Protagonismo e autoria, discutidos em sete artigos; 3 – Representação cultural e identidade, discussão presente em seis artigos; 4 – colonialismo e resistência, tema mais discutido, presente em treze artigos.

3.1 HIBRIDIZAÇÃO E INTERCULTURALIDADE

O processo de *hibridização* foi discutido para pensar a literatura indígena em cinco dos artigos analisados (Thiél, 2013; Brandileone e Valente, 2018; Britto, Sousa Filho e Cândido, 2018; Jacob, 2018; Rosa, 2018). Esse conceito não está textualmente explícito em todos os artigos, contudo o fenômeno híbrido é explorado para se referir ao lugar ocupado pela literatura indígena no contexto do contato complexo e conflituoso com a cultura ocidental. Assim sendo, os estudos sobre literatura indígena devem considerar “o entre-lugar cultural dessa produção que está em uma zona de contato e conflito localizada entre a oralidade e a escrita, entre línguas nativas e europeias, entre tradições literárias europeias e indígenas, entre sujeição e resistência” (Thiél, 2013, p. 4).

A hibridação, como denominada por Canclini (2008), é resultado do contato entre culturas, seja por meio do processo de migração ou do intercâmbio social, cultural e econômico. Em geral, esse fenômeno é resultado da criatividade individual e coletiva. Nos artigos analisados, o conceito de hibridação é relevante para evidenciar o lugar de encontro e tensão em que se insere a literatura indígena. Vale destacar que esse encontro afetou tanto indígenas como colonizadores, porém o termo híbrido não é usado para se referir a estes últimos (Makoni e Pennycook, 2015).

Historicamente, o termo híbrido já foi usado negativamente, associado a “perda de cultura” como consequência do encontro entre dois povos (Makoni e Pennycook, 2015). Esse sentido pejorativo foi usado, por exemplo, para se referir a africanos “destribalizados” ou “assimilados”. Interessante notar que quando “os colonizadores eram afetados pelos encontros, eles não foram chamados de híbridos”. Contudo, nos artigos selecionados, as concepções que norteiam a

hibridização apresentam uma perspectiva teórica distinta, na qual o processo híbrido presente na literatura indígena é apresentado como uma forma de resistência que confronta a estética de escrita dominante. (Rosa, 2018)

Um dos aspectos no qual o hibridismo está presente na literatura indígena é por meio do encontro entre a cultura indígena e a cultura ocidental. Na análise da literatura infantil indígena, Brandileone e Valente (2018) enfatizam sua construção intercultural, mas alertam a persistência do caráter exótico, pedagógico e romantizado em muitas obras. Segundo os autores, isso traz ao discurso “efeito oposto ao pretendido”, distorcendo a realidade e enfraquecendo o diálogo intercultural.

Munduruku (2008) ao analisar a relação entre oralidade escrita ressaltou a continuidade da oralidade no texto escrito. Essa hibridização da linguagem é apontada por Rosa (2018) no estudo da obra do escritor indígena Olívio Jekupé, no qual ressalta como a escrita do autor indígena textualiza a oralidade e demarca a identidade indígena, expressando “de forma contundente sua condição de estar na fronteira como viajante de dois mundos, a saber, do espaço da cidade, das instituições e a vida na aldeia (tekoá)”.

Além disso, as textualidades indígenas apresentam um hibridismo formal e estilístico, fora dos padrões formais tradicionais. Britto, Sousa Filho e Cândido (2018) destacam essa característica ao enfatizar sua diversidade de formas, gêneros e estilos. A literatura, no seu sentido tradicional, se consolidou por estruturas e formas que foram ao longo do tempo sendo padronizadas, expressando a perspectiva ocidental e o seu fazer literário. Em contraste, a literatura indígena surge ligada a práticas socioculturais específicas, o que faz com que essa produção não siga necessariamente os padrões estéticos literários da tradição ocidental. Ela desafia os críticos literários e estudiosos da área quando buscam classificá-la segundo critérios convencionais.

Nesse sentido, Jacob (2018, p.10) argumenta que muitos desses desafios sejam decorrentes de “obstáculos epistemológicos” da própria teoria ocidental, e não a questões ligadas às próprias obras. Para ele, o hibridismo nas textualidades indígenas se dá pela fusão de elementos da tradição ocidental e elementos particulares à cultura

indígena. Dentre esses elementos, o autor destaca a multimodalidade discursiva, que é o uso de elementos estéticos para adornar a escrita, aproximando o texto marcado pela unidimensionalidade da “quadridimensionalidade” da narrativa oral, na qual “o contador de histórias utiliza, além da expressividade corporal, a expressividade vocal, estando marcada, aí, uma quarta dimensão em sua arte”.

Outro aspecto da hibridização dos textos indígenas está presente no diálogo estabelecido entre diferentes gêneros textuais, que produz novas formas de criar literário, as quais não correspondem a um gênero literário específico correspondente na tradição ocidental; e a integração da oralidade e escrita, uma característica marcante dessa produção quando comparada à produção ocidental.

3.2 PROTAGONISMO E AUTORIA

O protagonismo e a autoria fundamentam a discussão sobre literatura indígena, sendo abordados em sete dos artigos analisados (Britto, Sousa Filho e Cândido, 2018; Jacob, 2018; Rosa, 2018; Danner, Dorrico e Danner, 2020; Coutinho, 2023; Carvalho e Santos, 2023; Melo, 2024). Essa reflexão evidencia uma mudança de paradigma na representação dos indígenas na literatura brasileira: ao assumirem o papel de sujeitos, autores e criadores na escrita, transformam a tradição literária que, até então, os representava como tema, objeto, matéria narrada (Britto; Sousa Filho; Cândido, 2018). Os estudos buscam refletir, assim, não apenas a presença do indígena como personagem e temática nas obras literárias, mas também como autor, artista e narrador.

Nesse contexto, surgem questões fundamentais: O que muda quando os indígenas assumem a escrita literária como forma de expressão? (Danner, Dorrico e Danner, 2020; Cernicchiaro, 2022) Como a produção de autoria indígena dialoga e tensiona a tradição literária? (Rosa, 2018) Existe literatura indígena? (Britto, Sousa Filho e Cândido, 2018; Carvalho e Santos, 2023). Esse debate é importante para refletir a tomada da escrita pelos povos indígenas, demonstrando uma apropriação original e criativa, também vai além e se coloca como enfrentamento à narrativa dominante que, historicamente, os silenciou.

A palavra indígena resgata a memória ancestral e as múltiplas nuances do ser e estar indígena (Jekupé, 1998), além de estabelecer um diálogo com a cultura não-indígena. Como defendem Danner, Dorrico e Danner (2020), esse processo contribui para a descolonização da cultura e à descatequização da mente. Os autores argumentam que a voz indígena, assim como a de outras minorias político-culturais, é “insubstituível e irrepresentável”, devido ao lugar de marginalização que ocupa. Seu discurso ligado a uma “perspectiva autoral, autobiográfica, testemunhal e mnemônica”, constitui uma “voz-práxis direta, carnal, política e politizante”. Dessa forma, o discurso artístico-literário indígena vai além da ampliação temática no cânone nacional; como letramento crítico, político e emancipatório, é indispensável.

A discussão sobre a legitimidade e a existência da literatura indígena é debatida nos estudos analisados (Britto, Sousa Filho e Cândido, 2018). Historicamente, a literatura indígena existiu, mesmo antes da colonização, pois a palavra é central nas práticas culturais e linguísticas das comunidades (Jekupé, 1998; Graúna, 2012). Essa centralidade também é enfatizada por Coutinho (2023), que destaca a importância da tradição oral para os povos indígenas, demonstrando a palavra como um elemento sagrado e núcleo sobre o qual se organiza a comunidade. Nesse sentido, os indígenas foram autores e protagonistas de sua literatura; com a escrita, adquirem uma nova ferramenta para expressá-la (Munduruku, 2008).

A intensificação da produção escrita indígena, que aconteceu de maneira mais sólida no início da década de 1990, possibilitou novas formas de narrar, além de ampliar os temas presentes na cultura literária escrita nacional. Dentre esses temas, Graúna (2012) destaca a relação entre literatura indígena e meio ambiente, ressaltando que, nas narrativas indígenas, assume-se um viés de defesa de um desenvolvimento mais sustentável, aspecto central para a sobrevivência tanto dos povos indígenas quanto dos não-indígenas. Trata-se de outro “projeto de representação estética e cultural, que subverte a lógica logocêntrica, em meio a uma impossibilidade de escrever em outra língua, senão o português” (Coutinho, 2023).

A avaliação das obras indígenas também é objeto de discussão nas pesquisas. Como argumenta Jacob (2018) muitos apontam a limitação conceitual da teoria literária ao analisar as obras de autores indígenas. A leitura feita pelo ocidente, por parâmetros estabelecidos na própria cultura ocidental, muitas vezes pode reduzir a complexidade dessas narrativas. Os mitos indígenas configuram um saber profundo que conectam os povos a sua identidade e ancestralidade. No ocidente, no entanto, frequentemente o significado dessas narrativas são limitadas e reduzidas, muitas vezes infantilizados e classificados como literatura juvenil, não compreendidos na sua complexidade. Isso mostra a limitação do ocidente quanto à cosmovisão indígena, que como citado anteriormente deve-se mais a uma limitação da teoria literária, que da narrativa em si.

O protagonismo indígena possibilitou nosso contato com outras versões da história, rompendo com diferentes momentos da literatura brasileira, na qual o indígena aparecia como tema ou objeto de estudo. Durante o século XIX, o indianismo romântico se apropriou da temática indígena para criar o seu herói nacional, de maneira idealizada o indígena foi representado pelo viés do homem branco. Contudo, o crescente aumento do número de obras de escritoras e escritores indígenas revela uma realidade mais próxima da democratização da literatura no Brasil, consolidando a presença do indígena na autoria de narrativas da sua cultura e da história e de mudança no paradigma estético-político ocidental.

3.3 REPRESENTAÇÃO CULTURAL E IDENTIDADE

A literatura indígena como uma forma de representação cultural e de valorização da identidade indígena foi uma das temáticas abordadas em seis dos artigos analisados (Brandileone e Valente, 2018; Figueiredo, 2018; Jacob, 2018; Rosa, 2018; Carvalho e Santos, 2023; Costa, 2023). Ao se apropriarem da escrita, os indígenas não adotam os moldes literários passivamente, mas os ressignificam, negociando e resistindo à cultura dominante. Por meio dos textos literários, eles textualizam práticas de escrita localmente situadas, ligadas à cultura, à identidade e às relações de poder, reafirmando seu protagonismo e desafiando normas sociais.

As práticas de literatura indígena estão articuladas aos saberes locais da comunidade, sendo determinadas não apenas pela cultura, mas pelas relações de poder presentes na sociedade. Nos estudos sobre letramento de Street (2006), discute-se como o letramento dominante busca separar a escrita de seu contexto sociocultural, promovendo sua independência em relação à oralidade, prezando a neutralidade, a objetividade e a abstração.

No entanto, assim como a diversidade de línguas no mundo, as práticas de letramento são inúmeras e heterogêneas e não se restringem necessariamente aos moldes ocidentais de leitura e escrita. Essa variedade evidencia a pluralidade linguística e constitui uma forma de enfrentamento às práticas dominantes. Os povos indígenas não utilizam a escrita literária como mera tecnológica importada, mas a incorporam a sua tradição cultural, demonstrando, por meio dela, como se relacionam e se organizam socialmente, como são e estão no mundo.

É preciso destacar, à luz da reflexão trazida pelos estudos decoloniais, que todo conhecimento é localizado e está articulado a determinadas demandas e interesses. A literatura, como uma forma de linguagem, faz parte dessas relações e não está isolada da nossa realidade política, histórica e social. Os artigos analisados apresentam a literatura indígena como representação da cultura indígena e da diversidade étnica. Como afirma Carvalho e Santos (2023, p. 10) “A palavra pode ser uma arma, a escrita pode ser um ato político. E alguns povos estão usando, a palavra e a escrita, como formas de autoexpressão frente à invisibilidade dada as comunidades indígenas”.

Conforme afirma Figueiredo (2018, p. 2), as textualidades indígenas “situam-se numa política de afirmação das culturas locais”, tal característica “está no centro da literatura indígena contemporânea”. Por uma escrita politizada e comprometida, a literatura indígena se configura como uma estratégia contra a exclusão e o silêncio impostos. Ao dar visibilidade a sua própria cultura e identidade, a produção indígena evidencia as contradições da sociedade dominante, problematizando conceitos enraizados, como aqueles que permeiam a definição da própria literatura, ao mesmo tempo em que amplia a compreensão sobre diversidade.

Figueiredo (2018, p.3) afirma que “A questão identitária que se exprime por uma busca de afirmação da indianidade está no centro da literatura indígena contemporânea”. Essa mesma característica é apontada também por Brandileone e Valente (2018), porém não como algo tão positivo, pois gera contradições e ambiguidades, já que os textos literários indígenas estão condicionados à “divulgação cultural nem sempre afeito à construção de textos literários de qualidade estética relevante”. As autoras buscam refletir sobre a priorização da divulgação cultural e como, muitas vezes, ela afirma representações antiga e estereótipos que comprometem tanto a qualidade estética do texto literário quanto o diálogo intercultural.

A valorização da cultura e da diversidade na literatura indígena é representada também no artigo de Carvalho e Santos (2023). Diferenciando da literatura indianista, os autores apontam a consolidação da literatura indígena como uma forma de afirmação cultural. Ao escrever, os indígenas desobedecem a lógica que historicamente buscou silenciá-los, combatendo estereótipos enraizados. Fazendo uma relação com os movimentos indígenas, Carvalho e Santos (2023, p.11) destacam como essa literatura, que pode ser tanto nomeada como literatura nativa, por se tratar da escrita daquele que é nacional ou natural, tanto nomeada como indígena, por ter sido escrita por povos indígenas, é “uma ferramenta de evolução”, abrangendo não apenas a cultura, “como também seus planos de vida, suas contribuições para a ciência, sua cosmologia, seus inúmeros problemas/soluções cotidianos”.

Na perspectiva de Rosa (2018), ao analisar a escrita de Olívio Jekupé, a literatura indígena não só contesta estruturas hegemônicas, mas também é espaço de representação política e identitária. Segundo a autora, o hibridismo dos gêneros textuais, o caráter contradiscursivo de enfrentamento, o uso desobediente do português para textualizar a oralidade, são usados para afirmar a cultura indígena e contestar as estruturas dominantes. A mesma concepção de literatura indígena parece estar presente em Jacob (2018), que ao comparar diversas obras indígenas, buscando analisar seus aspectos estéticos, aponta a presença intrincada nas obras

da visão de mundo e da oralidade nos textos. A autora, contudo, problematiza a “recente abertura de escuta da sociedade ocidental” que busca colocar as obras subjacente a vontade mercadológica.

3.4 COLONIALIDADE E RESISTÊNCIA

Os artigos de Oliveira e Pinto (2011), Thiél (2012), Danner, Dorrico e Danner (2019); Figueiredo (2018); Rosa (2018); Danner, Dorrico e Danner (2020); Cernicchiaro (2022), Rocha (2022), Carvalho e Santos (2023); Coutinho (2023); Félix (2023), Jacob (2023); e Melo (2024) foram representativos ao afirmar a literatura indígena como forma de resistência e de enfrentamento ao poder dominante. Do conjunto de artigos analisados, nota-se o número significativo de artigos que defendem a literatura indígena como expressão política que busca valorizar a cultura e a diversidade indígena, além de se configurar como um contradiscurso ao modo de ver e estar hegemônico ocidental.

Diferentes critérios são usados para classificar uma obra como literária. A autonomia da obra em relação à realidade garante sua universalidade, permitindo sua passagem ao longo dos tempos (Britto, Sousa Filho e Cândido, 2018). Contudo, a literatura indígena representa uma mudança no padrão desses critérios. Diferentes autores mencionam sua especificidade e difícil enquadramento nos moldes da literatura ocidental. Assim, a universalidade pretendida na tradição hegemônica, na literatura indígena é rejeitada, pois a palavra indígena é um ato intencionalmente político no combate ao silenciamento imposto.

A literatura indígena apresenta novas formas de refletir sobre a própria literatura, já que “está intrinsecamente vinculada a uma estética que percorre a experiência da colonização e aponta a necessidade de libertação da dominação cultural” (Melo, 2024, p. 4). A presença de textos multimodais, textos com grafismos indígenas; a ligação com a oralidade, afirmação da tradição oral e ancestral; ou a defesa da heterogeneidade, retomada da voz de seus povos, a literatura indígena se estabelece não se sujeitando a padrões estéticos estabelecidos.

Carvalho e Santos (2023) abordam essa questão ao afirmarem que na literatura indígena a palavra funciona como um ato político, uma arma de luta para combater a invisibilidade das comunidades indígenas, mas também a palavra como cuidado com toda a nação. Conforme defende Thiél (2012) em seu trabalho, essa posição é fundamental para promover a formação de leitores mais críticos e empáticos, pois a narrativa de autores indígenas apresenta uma estética própria, promovendo em leitores não indígenas a compreensão do outro e a abertura para a diversidade, aspectos fundamentais para uma educação para a cidadania.

Das pesquisas analisadas, destaca-se a de Danner, Dorrico, Danner (2020) que argumentam que a literatura indígena deve ser entendida como uma voz-práxis, na qual se articulam vivência, identidade, epistemologia e ato político. Os autores defendem a voz-práxis indígena é legítima e insubstituível para “promover a descolonização da cultura e a descatequização da mente”. A narrativa indígena é uma estética política indispensável no combate a estereótipos e ao silenciamento da diversidade.

A narrativa indígena surge num contexto intercultural, em que o contato com outros povos acontece de maneira complexa e conflituosa, marcado por práticas de opressão e silenciamento. De certa forma, podemos afirmar que a literatura de cada povo não está isolada e surge também em contextos de interculturalidade, porém a palavra indígena intencionalmente evidencia esse contato e busca solucionar o conflito. Como afirma Jacob (2023), a narrativa indígena parte de “fazeres políticos preocupados em 1) denunciar um modo de produção predatório que 2) desumaniza pessoas e biomas, 3) ignorando o sentido de sacralidade atribuído ao território pela tradição”. Parafraseando Krenak, (2019) trata-se de uma tentativa de adiar o fim do mundo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho reflete o entendimento de pesquisadores brasileiros sobre a literatura indígena e não a literatura indígena propriamente dita. A partir dos estudos analisados, a literatura indígena contemporânea pode ser compreendida como a arte

da palavra, cuja preocupação não é apenas estética, mas também ética e política. Os povos indígenas ao se apropriarem da escrita buscam defender o seu povo contra a exclusão histórica, a sua voz contra o silenciamento, e trazem um alerta para a sociedade não indígena contra a autodestruição. Trata-se de uma produção estético-política de autoria indígena, marcada articulação entre oralidade e escrita, afirmação da cultura indígena e resistência à colonialidade.

Buscando compreender como a literatura indígena vem sendo conceituada na base da SciELO, foram mapeados 294 artigos, a partir das palavras-chave: (literatura OR narrativa OR textualidade OR literaturas OR narrativas ou textualidades) AND (indígena OR indígenas OR indigena OR indigenas), 19 foram lidos na íntegra, buscando responder à questão de investigação desta pesquisa: quais são as concepções que têm sido apontadas nas pesquisas científicas e acadêmicas a respeito da literatura indígena. Ao longo deste texto, buscamos discutir o que dizem os artigos analisados a respeito da conceituação de literatura indígena.

Trata-se de um mapeamento inicial, já que a busca pode ser ampliada, analisando artigos de outras plataformas de busca, além também de incluir dissertações e teses. Nessa pesquisa pela leitura e da análise de conteúdo, identificaram-se quatro eixos temáticos que fundamentaram os artigos analisados quando discutem literatura indígena: 1- Protagonismo e autoria, discutidos em sete artigos; 2- Hibridização e interculturalidade, abordado em cinco; 3- Representação cultural e identidade, discussão presente em seis artigos; 4-Colonialidade e resistência, tema mais discutido, presente em treze artigos.

Como resultado, conclui-se que a literatura indígena parte de um lugar político, estético e histórico. Em confronto com a literatura hegemônica, a voz presente na literatura indígena vincula-se à defesa de sua cultura, a resistência ao padrão homogeneizante da literatura ocidental e a afirmação da diversidade e da interculturalidade. Nos últimos anos, a literatura indígena vem se estabelecendo e fazendo negociações entre a escrita dominante e a tradição oral indígena. Trata-se de uma resposta às práticas de opressão e configura-se como uma tentativa de retomada do direito à palavra.

REFERÊNCIAS

- BOLOGNESI, Luiz. As Guerras da Conquista In: Guerras do Brasil.doc. **Netflix**, 26 min. SP, 2018.
- BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile; VALENTE, Thiago Alves. **Literatura indígena para crianças: o desafio da interculturalidade**. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 53, p. 199-217, jan./abr. 2018.
- BRASIL. *Lei nº 11.645*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 2008.
- BRITTO, Tarsilla Couto de; SOUSA FILHO, Sinval Martins de; CÂNDIDO, Gláucia Vieira. **O avesso do direito à literatura: por uma definição de literatura indígena**. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 53, p. 177-197, jan./abr. 2018.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. (trad. Ana Regina Lessa Heloísa Pezza Cintrão). 4ª ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- CARVALHO, Eliana Márcia dos Santos; SANTOS, Renata Lourenço dos. **Literatura indígena: entre memórias**. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 39, e38419, 2023.
- CERNICCHIARO, Ana Carolina. **Resistir na língua: a literatura indígena contra o silenciamento monolíngue**. *ALEA*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 203-218, jan./abr. 2022.
- COSTA, Suzane Lima. **As novas cartas do Brasil: um e-pistolário dos povos indígenas**. *ALEA*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, p. 185-203, set./dez. 2023.
- COUTINHO, Eduardo Faria. **Da representação à busca de expressão: visões do indígena na produção literária brasileira**. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Salvador, v. 25, n. 48, p. 81-93, jan./abr. 2023.
- DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie; DANNER, Fernando. **Decolonialidade, lugar de fala e voz-práxis estético-literária: reflexões desde a literatura indígena brasileira**. *ALEA*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 59-74, jan./abr. 2020.
- DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie; DANNER, Fernando. **Em busca da terra sem males: violência, migração e resistência em Kaká Werá Jecupé e Eliane Potiguara**. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 58, e587, 2019.
- DANNER, Leno Francisco; PERES, Julie Stéfane Dorrico. **Um xamã yanomami frente ao discurso filosófico-sociológico da modernidade**. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 53, p. 243-269, jan./abr. 2018.
- FÉLIX, Regina R. Memórias que urgem nossa (re)existência: **Eu sou macuxi e outras histórias de Julie Dorrico**. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 69, e6903, 2023.
- FIGUEIREDO, Eurídice. **Eliane Potiguara e Daniel Munduruku: por uma cosmovisão ameríndia**. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 53, p. 291-304, jan./abr. 2018.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa; RICARTE, Ivan Luiz Marques. **Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação.** *LOGEION: Filosofia da Informação*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 57-73, set. 2019/fev. 2020.

GRAÚNA, Graça. **Educação, literatura e direitos humanos: visões indígenas da lei 11.645/08.** *Educação & Linguagem*, v. 14, n. 23/24, p. 231-260, jan./dez. 2011.

GRAÚNA, Graça. **Literatura indígena no Brasil contemporâneo e outras questões em aberto.** *Educação & Linguagem*, v. 15, n. 25, p. 266-276, jan./jun. 2012.

JACOB, Livia Penedo. **A literatura indígena brasileira diante de Gaia: ensaiando o fim.** *Gragoatá, Niterói*, v. 28, n. 61, e56313, mai./ago. 2023.

JACOB, Livia Penedo. **Carta branca: embates entre a voz emergente e a escrita circunscrita.** *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 53, p. 271-289, jan./abr. 2018.

JECUPÉ, Kaka Werá. **A Terra dos Mil Povos: história indígena brasileira contada por um índio.** São Paulo: Peirópolis, 1998.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MAKONI, Sinfree; PENNYCOOK, Alastair. **Desinventando e (re)constituindo línguas.** Tradução de Cristine Gorski Severo. *Working Papers em Linguística* (Florianópolis. Online), v. 16, n. 2, 2015. p. 09-34

MELO, Cimara Valim de. **A ecopoética indígena como emancipação pós-humana: notas sobre a representação do eu-outro na era da degradação.** *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 72, e7213, 2024.

MUNDURUKU, Daniel. **Literatura indígena e o tênue fio entre escrita e oralidade.** Lorena, SP. 30/11/2008. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/literatura-indigena>. Acesso em 11 dez. 2025.

OLIVEIRA, Elismênnia Aparecida; PINTO, Joana Plaza. **Linguajamentos e contra-hegemonias epistêmicas sobre linguagem em produções escritas indígenas.** *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 11, n. 2, p. 311-335, maio./ago. 2011.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais - perspectivas latino-americanas.** Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Clacso, 2005a. p. 107-30.

RÊGO, Angela Bárbara Lima Saldanha; OLIVEIRA, Ana Caroline Amorim; TOLOMEI, Cristiane Navarrete. **Ay Kakuyri Tama, eu moro na cidade: a poesia filosófica indígena de Márcia Kambeba no contexto do Estado-nação brasileiro.** *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 65, e6510, 2022.

ROCHA, Frederico Di Giacomo. **Makunaima comeu Mário de Andrade: pós-humano, antropofagia e o fantástico no conto "Makunaima e os Manos Deuses" de Julie Dorrico.** *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 66, e6607, 2022.

ROSA, Francis Mary Soares Correia da. **A minoridade literária em Olívio Jekupé.** *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 53, p. 305-327, jan./abr. 2018.

STREET, Brian. **Perspectivas interculturais sobre o letramento.** *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 8, p. 451-464, 2006.

THIÉL, Janice. **A literatura dos povos indígenas e a formação do leitor multicultural.** *Educação e Realidade*, v. 38, n. 4, 2013. Disponível <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/38161>. Acesso em: 8 set. 2025.

THIÉL, Janice. **Pele silenciosa, pele sonora: a literatura indígena em destaque.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

ZILBERMAN, Regina. A teoria da literatura e a leitura na escola. In: _____. **A literatura e o ensino da literatura.** Curitiba: InterSaberes, 2012. p. 236-248.

Contribuição de Autoria

1 – Fabiana Cristina Gomes

Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Goiás.
Universidade Federal de Goiás
<https://orcid.org/0009-0008-1976-4760> • biiiacr@gmail.com
Contribuição: Conceituação, Metodologia, Escrita – revisão e edição.

2 – Danilo Rabelo

Doutor em História pela Universidade de Brasília.
Universidade Federal de Goiás
<https://orcid.org/0000-0003-3106-4405> • rabelodanilo62@ufg.br
Contribuição: Conceituação, Metodologia, Escrita – revisão e edição.

Conflito de Interesses

Os autores declararam não haver conflito de interesses.

Direitos Autorais

Os autores dos artigos publicados pela Lit&Aut/UFSM mantêm os direitos autorais de seus trabalhos.

Verificação de Plágio

A Lit&Aut/UFSM mantém a prática de submeter todos os documentos aprovados para publicação à verificação de plágio, utilizando ferramentas específicas, como por exemplo: Turnitin.

Editora-chefe

Rosani Ketzer Umbach

Como citar este artigo

GOMES, F. C.; RABELO, D. A construção do conceito de Literatura Indígena: vozes, conflitos e perspectivas teóricas. **Literatura e Autoritarismo**, n. 45, e92291, 2026. DOI: 10.5902/1679849X92291. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/92291>. Acesso em: 22 jun. 2026.